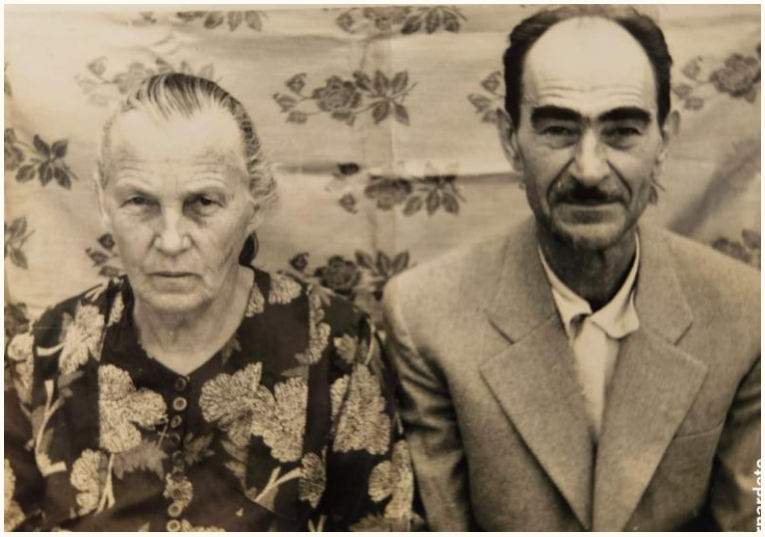
Entre a
Polônia e o Brasil
Histórias de família

Quem foi esse grande líder polonês?

Família Salamaia (Sałamaja)

Relato de Bernardete Salamaia



Meus avós Félix Salamaia e Estanislava Salamaia. Arquivo de família.

Alguns entendem que, para ser um grande líder, é necessário, especialmente, possuir uma importante posição política ou requer a obtenção de diplomas, títulos e formação acadêmica específica para exercer a liderança em um determinado contexto social. Mas Felix Salamaia (Felis Sałamaja), através do seu jeito de agir e pensar, contradiz a ideia acima colocada.

Ele era um líder polonês nato, mesmo sem nenhuma formação acadêmica importante. Nasceu em Lublin, Polônia, no dia 25 de outubro de 1902 e veio ao Brasil no início do século passado, junto com outros imigrantes poloneses e acompanhado de seus pais Ignacy Sałamaja e Petronela Sałamaja. A viagem durou um mês, num navio sem as condições básicas de sobrevivência, comparando-se com os modernos navios da atualidade.

Assim que chegaram, foram encaminhados a um lugarejo chamado Barra de Areia no município de Prudentópolis, estado do Paraná, Brasil, onde se fixaram temporariamente. Lá viveram algum tempo, até que fossem deslocados para outras regiões do município, onde conseguiram pequenas áreas de terra para se instalarem definitivamente.

Felix, sua família e o seu povo receberam terras em lugares que depois foram chamados de Herval Sede, Herval Fraqueza, Água Quente e Macacos.

Era ele, o perspicaz Felix, que também mediava junto às autoridades a questão da divisão das terras e o modo de pagamento delas pelos poloneses, que, no geral, era feito através do árduo trabalho de abertura de carreiros e depois de estreitas estradas.

Sendo agricultores na Polônia, trouxeram consigo e aqui introduziram as ferramentas mais modernas para o cultivo da terra e a produção de alimentos. As que faltavam, eles mesmos criavam com os recursos materiais que possuíam à disposição.

A princípio, construíram cabanas simples com recursos materiais que conseguiam no local, usando as ferramentas que trouxeram de seu país. Encontrar e preparar a comida num lugar como aquele era outro grande desafio, pois a que receberam inicialmente era pouca e não fazia parte da cultura alimentar que consigo trouxeram. Sendo assim, muitas vezes adoeciam.

As dificuldades que tiveram que superar não foram poucas na imensidão da mata nativa que precisaram desbravar.

Mais tarde, em busca de maior conforto e segurança, tiveram que cortar a madeira para construírem casas, pois o medo dos animais desconhecidos e das intempéries era comum. Elas eram feitas de madeira lascada rusticamente e montadas com encaixes, pois não havia pregos. Além das paredes e do assoalho, as coberturas delas também eram feitas com tabuinhas cuidadosamente colocadas.

Os desafios no processo de adaptação desses imigrantes foram incontáveis. Isso, além de enfrentarem a saudade de seu país e dos parentes que lá deixaram. Mas, sempre liderados por Ignacy e seu filho, o jovem Felix, eles enfrentaram todas as adversidades com coragem, vigor, valentia, esforço e luta, qualidades que são próprias do povo polonês.

Felix, desde muito cedo, já demonstrava cuidado e proteção com relação à sua gente e com os espaços onde viviam. Foi nesse contexto social que se destacou como alguém confiável e em quem os imigrantes depositavam sua total confiança.

Foi aí que Félix conheceu Estanislava Kisiel (Stanisława Kisiel), também polonesa, com perfil de liderança, com quem se casou. Além do apoio à comunidade, era na casa deles que se hospedavam políticos, padres e viajantes que anoiteciam no caminho. Era Félix que acompanhava os grupos políticos a cavalo ou de carroça pelos rincões locais, assim como os padres para rezarem missas nas capelas da região e para benzerem as casas do povo católico. Na época, cavalos e carroças eram os únicos meios de transporte naquela região. Esses poloneses eram exímios construtores não só de carroças, mas também de charretes e de cangalhas para transporte de mudanças, produtos agrícolas, entre outros.

Em todos esses tempos, já considerado um líder comunitário, Felix se transformou em um admirável político regional, em um Inspetor Municipal e mais tarde em um corajoso e respeitado Juiz de Paz, que ajudava a resolver todos os problemas que emergiam na comunidade.

Estanislawa também era solidária e tinha o mesmo modo de agir e pensar que seu esposo. Ela o ajudava e se destacava na liderança religiosa. Sempre preparava a igreja para as novenas e missas em idioma polonês e em latim, chefiava as reuniões de mulheres na igreja e ajudava na organização de festas na mesma capela que frequentavam. Além de outras coisas, ela também plantava o linho e o fiava numa roca. Com os fios tecia no tear o pano para confeccionar roupas para a família e para fazer toalhas e guardanapos para a igreja, que depois de quarados, eram bordados por ela.

Tanta era a solidariedade na casa de Felix e Estanislawa, que ninguém passava por lá sem sentar-se à mesa e comer *pierogi* (pastéis cozidos recheados com batatas e requeijão), *barszcz* (sopa de beterraba), *ciemny chleb* (pão de escuro) ou *ciasteczka miodowe* (biscoitos de mel), que tão bem ela preparava.

São muitas as memórias afetivas que tenho dela. Parece-me que ainda a vejo no meio do canteiro de papoulas, com suas lindas flores vermelhas, e a vejo lendo QUO VADIS, livro de Henryk Sienkiewicz, na sua rústica cadeira de embalo.

Felix era um homem exemplar, corajoso, íntegro, honesto, solidário e de um caráter admirável. Recordo-me ainda dos exemplos de vida que ele nos dava, das histórias que ele gostava de contar para os netos e dos passeios de carroça que com ele fazíamos. Lembro-me ainda das vezes que ele falava, com lágrimas nos olhos, da saudade que sentia da Polônia e da sua vontade de voltar. Mas, ao mesmo tempo, afirmava que não tinha dinheiro suficiente para viagem. Quando adolescente, certa vez eu lhe disse: "*Um dia vamos juntos, não fique triste*". Mas, ele não me esperou crescer, logo faleceu.

Entretanto, essa conversa com ele nunca saiu de minha memória e a vontade de conhecer a Polônia sempre aumentava, especialmente de ir a Lublin, local onde meus antepassados nasceram. Era 2014 quando fui pela primeira vez, a minha chegada foi muito emocionante e acalentadora, pois tive a sensação de que estava voltando a um lugar que também é meu. Que continua meu... Lá pensei muito em meus avós e bisavós e em todos os poloneses que vieram ao Brasil. Imaginei o quão difícil foi terem deixado o seu país sem a certeza de que um dia poderiam voltar.





Minha primeira visita à Polônia, em 2014. Na primeira foto, o Castelo de Wawel, em Cracóvia. Na segunda, visita à Universidade Politechnika Warszawska, em Varsóvia.

Em homenagem aos meus avós, com muito empenho e carinho cultivo a cultura polonesa, através dos hábitos, costumes e tradições que deles herdei. Também trabalho na Casa da Cultura Polônia Brasil em Curitiba, há quase oito anos, ajudando a recuperar, manter e disseminar a cultura do povo polonês, que de tão longe veio. Mas, para completar a minha felicidade ainda preciso conquistar a cidadania polonesa ou a Karta Polaka, pois sinto muito orgulho de ser descendente de poloneses.



Eu, com o traje de Lublin no Teatro Guaíra em ocasião de apresentações do coral do Grupo Folclórico Polonês do Paraná Wisła, em Curitiba. Fotografia de Odair Hofmann.

O grande líder polonês foi o meu avô Felix, de quem sinto muita falta. Mas, sigo atentamente os seus exemplos.

Bernardete Salamaia - sbssalamaia@gmail.com

Realização:

CASA DA CULTURA POLÔNIA BRASIL

Financiamento:

Senat – Polonia 2026

Apoio:

KUL